

1. AUTOR DO ARTIGO: Reinaldo Maura

03a0685-51 (1)

2. TÍTULO DO ARTIGO: A cinza dos mortos

3. TÍTULO DO JORNAL: Correio do Povo

T0762

RETCI 0366
SIST. 59365

4. DATA: 02/11/1951

5. NÚMERO: 28

6. DESCRIÇÃO: Bem.

temática:
finalizada

OK //

A cinza dos mortos

Como na técnica do cinema, a imaginação, que é muito mais rica e desordenada, vê as coisas valorizadas pela significação de seus movimentos. O tempo que passa é um bloco de folhinhas na torrente do vento. Cada dia particular como sua numeração, em cada mês que se apresenta, permanece, vai se esgotando, chega à hora final. Num filme isso se materializa e vemos os retângulos de papel voando como folhas no outono, como cédulas eleitorais em época de propaganda. Mas a imaginação vai mais longe, e o espírito profundo das coisas que nos rodeiam projeta em cada sensibilidade uma tentativa de solução. O passado morto, os dias extintos, adquirem em nós a densidade de um romance sem palavras.

Nas datas que se fixaram e ()ollaram sempre em cada fase do ()ne, justamente porque se se()elem dentro da redoma da ()esma estação, sob o nevoeiro () chuva ou a lucidez solar da mesma época, encontramos um sinal permanente. O dia dos mortos é semelhante como a ()editação em torno de um fórmula. O mesmo novembro que ainda paira indeciso entre as primeiras púrpuras da ressurreição traz a último cinza dos dias espaços. Tudo vai mudar, mas ainda demora entre o céu e a terra a bruma das metamorfoses. Então acontece o dia dos mortos, () é como se eles estivessem pair()ando em torno de nós, tão sul()estiva para o silêncio das recordações e a máscara das hof()as sombrias, a claudação velada desta tarde descendo sobre os anjos de mármore.

A inquieta vocação do espírito humano não permite que repousemos entre as corôas de algumas vitórias. Se conseguimos na luta pelo conhecimento, desvendarmos algumas faces do mistério que nos envolve, devemos inelutavelmente prosseguir, não devemos parar nunca. Somos feitos de um estranho material por vezes

contraditório, mas sempre insaciável. As fronteiras dos territórios que vamos incorporando ao domínio da inteligência, não encontramos nunca. Afastam-se cada vez mais, à proporção que avançamos. O que ontem era mistério, hoje é banalidade de compêndio. Em todos os sentidos, em cada instante que passa, em numerosas cidades do mundo, os homens curvados sobre os instrumentos da pesquisa, não param nunca de indagar. Há vocações para tudo. Quando encontramos tendências no sentido de contrair o esforço intelectual e coordená-lo para melhor rendimento em certas atividades, pensamos no exagero que isso representa. Há tendências e espíritos para todas as companhias e espírito para todas as pesquisas. O trabalho de um Richet, é a busca para os melancólicos tores de atualidade. E os homens continuam. Depois da visita de Katie King, entre os muros e as portas fechadas dos gabinetes de experimentação, outras sombras surgiram, variando as ~~fronteiras~~ fronteiras de um mundo desconhecido, outros limites impalpáveis brotaram como substância misteriosa, banhadas pela claridade de um sonho. A palavra de Richet continua. Ainda não sabemos diante de que ma-

~~manifestações~~

T0762 (4)

RE-CLI 0366

SIST. 59365

manifestações da vida humana estamos experimentando. Mas podemos repetir o poeta entre as ogivas do castelo de Elsemor: há mais coisas entre o céu e a terra...

Como a luz dos dias nesta parte tem sobre a face um ~~res~~ resto de cinza como o espaço cristalizado num intenso cubo de imobilidade, e as músicas dos ventos esperam ainda a brecha que vai se abrir no azul do ar, a data dos mortos contém essa porção de sombra que é necessária à meditação dos que ainda respiram à superfície do mundo. Essa meditação é naturalmente indecisa. O dia nos coloca diante de uma parede tão espessa, que mesmo a finura extrema de nossos métodos de sondagem de quase nada valem nessa tentativa de conhecimento. À noite nos desafia. Há sem dúvida a credulidade fácil, mas há também o espírito exigente, deverado pela secura dos métodos científicos. Talvez a verdade ainda não possa ser captada pela pobreza dos nossos instrumentos, nessa batalha que se alimenta de paixões

A maior paixão humana é a própria vida. Come-nos nos amamos! Come os mais inteligentes e agudes

se iludem pensando que já conseguiram se libertar dessa necessidade inconsciente de sobreviver! É essa chama profunda e inextinguível, que nos projeta para a frente, para além de nossas fronteiras, num desejo com asas tão grandes como nenhum anjo em sua glória.

Só a fria inteligência poderá dizer: basta de existência. Depois da morte eu quero esse descanso eterno que vira com a dissipação da substância. Depois da morte, como a melhor das recompensas, quero que tudo cesse e meus sentidos não participem mais da permanência desse espetáculo fatigante que é o mundo.

Mas a boca que fala e a mão que escreve pairam na clareza de um momento de lucidez. Em torno, o universo é um solido bem definido. No interior, a alma está tranquila e opaca como um aparelho sem nenhuma ligação com as ondas que cruzam no ar. Está isolada da necessidade metafísica e como uma entidade sem raízes, flutua na volutuosidade de seus limites.

Sob a cruz de dia dos mortos, os homens entre-tanto sentem como o príncipe, no terraço de Elsenor.